fundação CHAMPAGNAT

# EDITORIAL

*Uma mesa de restaurante. Cinco homens em animada conversa. Trabalho/futebol/política, temas habituais, à volta de um bom almoço. O almoço encaminha-se para o fim, mas a conversa parece ainda estar no início.*

*Entra uma velhinha, magra, enrugada nos seus muitos e sofridos anos. Contemplo-a e reconheço-lhe uma beleza peculiar. Vende (algo parecido com) flores.*

*Pede-nos o resto de um pão que sobra no cesto. Convidamo-la a sentar-se. Pedimos ao empregado para a servir. Senta-se na ponta da mesa, mergulhada na tigela de sopa que engole sofregamente. Metemos conversa, mas está tão concentrada na sua tarefa que pouco mais faz do que emitir pequenos sons.*

*No fim, pergunta-nos quanto deve! Nada, ou tudo. Uma lição de vida. Abre um saco amarrotado e oferece uma (espécie de) flor.*

Esta história, aqui um pouco romanceada, é verídica e foi por mim presenciada.

Apesar de a cultura ocidental nos querer levar a acreditar no contrário, não somos "ilhas", não podemos ser felizes sozinhos, nem o "eu" individual é concorrente com a dimensão comunitária. Todos temos algo a dar em favor do outro: um pouco do nosso tempo, da nossa atenção, sensibilidade e talentos.

É esta a nossa missão como pessoas, como cristãos, como maristas e como membros ou amigos da Fundação Champagnat, dando sentido ao sonho do nosso Fundador: atender crianças e jovens, especialmente os mais necessitados e desatendidos.

O Papa Francisco recorda-nos que "o dever da solidariedade obriga-nos a criar modalidades justas de partilha, para que não haja aquela dramática desigualdade entre quem tem demasiado e quem não tem nada, entre quem descarta e quem é descartado".

Uma palavra de gratidão a todas as pessoas que dão corpo a esta obra: membros dos diversos órgãos da Fundação, pessoas que trabalham no dia a dia nas instituições e projetos levados a cabo, voluntários, apoiantes a nível pessoal ou empresas. A ajuda de cada um, independentemente da forma ou do valor material, é preciosa.

*IR. JOSÉ LUÍS PEDRINHO*
Diretor do Colégio Marista de Carcavelos

**FICHA TÉCNICA**
Diretora
Bárbara Gardete

**Colaboraram neste número**
Carla Semedo | Carla Pombo | Fábio Anjos | Ir. Fábio Oliveira | José Luís Carvalho | Ir. José Luís Pedrinho | Maria Gaspar | Maria Manuel Guerreiro | Vera Pinto | Sandra Vasconcelos | Graça Galvão | Leonor Pinto | Vasco Matias | António Pinto

**FUNDAÇÃO CHAMPAGNAT**
Estrada de Benfica, 372
1500-100 LISBOA

Tel/Fax: **21 778 0073**
e-mail: **funda_champagnat@maristascompostela.org**

Distribuição gratuita
200 exemplares

# CASA DA CRIANÇA DE TIRES
## A Verdadeira Beleza

Já que durante a minha passagem pela Casa da Criança fui eu o responsável pelo conto na hora de ir dormir, aqui vai mais um: uma história da minha infância.

"Um jovem estava no centro da cidade, proclamando ter o coração mais belo da região. Todos o admiravam, não tinha nenhuma marca nem qualquer defeito. De repente, um velho apareceu diante da multidão e disse:

- Por que é que o meu coração não é tão bonito como o desse jovem?

A multidão e o jovem olharam para o coração do velho que batia com vigor, mas tinha muitas cicatrizes, pedaços que tinham sido removidos e substituídos por outros que não correspondiam perfeitamente e imensas irregularidades e acharam que o velho só podia estar a brincar ao comparar o seu coração com o do jovem, perfeito e imaculado.

Então o velho explicou:

- De facto não tenho o coração perfeito, mas também não o trocaria por nenhum outro porque cada cicatriz representa uma pessoa a quem dei o meu amor. Tirei um bocadinho do meu coração e dei a cada uma dessas pessoas. Muitas delas deram-me também um pedaço do seu próprio coração para que eu colocasse no meu, e claro, como os pedaços não são exatamente iguais, há irregularidades. Mas eu estimo-as, porque me fazem lembrar do amor que partilhamos. Entendes agora o que é a verdadeira beleza? "

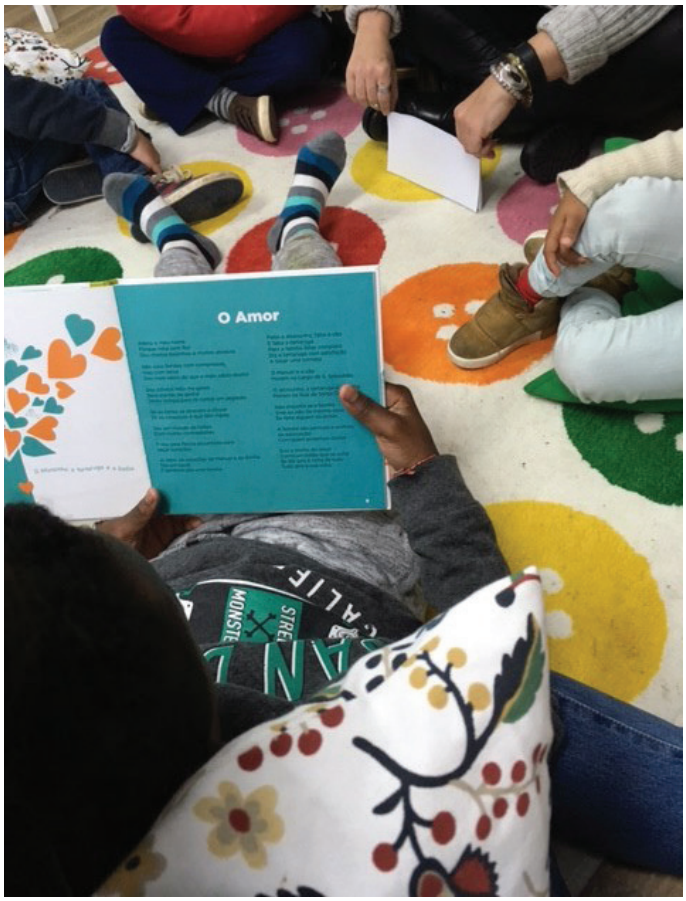
Nem sempre compreendi bem esta história, mas agora sinto que entendo bastante melhor o que é a verdadeira beleza. Entrar numa casa nova e sentirmo-nos logo como na nossa própria casa não acontece muitas vezes; passar duas semanas numa casa e chegar ao fim com o sentimento de conhecer cada um dos seus habitantes: os nomes e as caras e muito mais do que isso, o que gostam, o que é que os diverte, o que sentem falta, o que lhes dá medo, entre outras coisas, é algo ainda menos comum. Eu, que estou num caminho de vocação Marista, sinto que esta experiência me ensinou muito mais do que muitos documentos, foi uma verdadeira lição de ternura, de aprender a deixar-me levar sem muitos planos, a receber e dar muitos muitos abraços, a redescobrir a magia de uma cabana de mantas e almofadas, sentir que ninguém me exige nada e a única coisa que aquelas crianças pedem é estar, entrar e estar em casa, ser mais um, brincar, jogar, saltar, rebolar, ver, ouvir, abraçar, sentir, perguntar, crescer como mais um, pois só assim nos podemos sentir em casa e em família, que é tudo o que qualquer um de nós precisa, e estas crianças, claro, também. Sinto também que deixei bastantes pedacinhos do meu coração naquela casa e trago outros tantos comigo, e por tudo isto só me resta deixar um enorme OBRIGADO! Se durante a leitura do texto acharam que sinto demasiado, não se preocupem, é outra das coisas que aprendemos com as crianças.

*JOSÉ LUÍS CARVALHO*
Voluntariado na Casa da Criança de Tires

# FILOSOFIA PARA CRIANÇAS
## O porquê das coisas, em modo refresco de filosofia

Os ateliers filosóficos, denominados *Refresco de Filosofia*, estão em execução desde o início de janeiro de 2017, junto dos meninos da Casa da Criança, em Tires, e na Ludoteca, no bairro da Adroana, em Cascais.

A experiência tem sido fascinante, quer pelo retorno da reação destes 'pequenos filósofos', e respetiva evolução comportamental, quer pela possibilidade que me é dada de contribuir para sementar um pensamento filosófico junto destas crianças, fornecendo-lhes novas formas de associação de conceitos e novas conceções em si mesmo, assim como uma maior liberdade para pensar sem receio da crítica. Cooperando assim para que estas crianças, através do desenvolvimento de capacidades de argumentação autónoma, aprendam a situar-se no campo da crítica positiva e integradora das suas visões do mundo, inserindo-se e participando nele em toda a dimensão da sua expressão interpretativa e do bom desenvolvimento das suas personalidades enquanto seres humanos dignos, hoje crianças, mas amanhã adultos.




Os ateliers decorrem em ambiente descontraído, responsável e organizado, onde cada um dos participantes aprende qual o seu lugar e momento de intervir não por imposição, mas sim por compreensão. O contexto pedagógico é lúdico, trabalham-se pensamentos, jogos, textos, opiniões e leituras a partir das quais, em interação, os meninos ganham o seu discernir filosófico, incrementando noções de autoestima e sentido de pertença a algo maior, afastando ideias de exclusão e condições deterministas imutáveis sobre a sua própria condição humana.

*MARIA MANUEL GUERREIRO*
Autora do Refresco de Filosofia. Licenciada em Direito, Jurista, atualmente

# LUDOTECA DA ADROANA

## A Ludoteca em Rede

Foi com muita alegria que recebemos a notícia que Cascais venceu o concurso para a organização do XV Congresso Internacional de Cidades Educadoras, tendo sido reconhecido internacionalmente como o concelho com melhor qualidade de vida entre um conjunto de cidades que também estavam a concorrer, nomeadamente: Granollers (Espanha), Rennes (França), Tampere e Helsínquia (Finlândia).

A Associação Internacional de Cidades Educadoras (AICE), uma organização sem fins lucrativos, foi fundada em novembro de 1994. É constituída por uma estrutura permanente para a colaboração entre os governos locais comprometidos com a Carta das Cidades Educadoras e tem como objetivo estreitar as relações entre o envolvimento humano e o cidadão. No final do ano 2016, o número de membros chegou às 488 cidades, 57 das quais portuguesas, em 36 países em todos os continentes.

A Ludoteca da Adroana enquanto entidade com intervenção na área da animação territorial foi convidada para participar na celebração do dia Internacional das Cidades Educadoras. Neste enquadramento, as crianças que frequentam o nosso espaço lúdico estiveram dedicadas a conceber a Capa do Manifesto da Infância. O Manifesto da Infância foi construído por mais de 2000 crianças que frequentam as escolas públicas e privadas do Concelho de Cascais, as Ludotecas e Ludobibliotecas. E foi entregue no dia 30 de novembro, no âmbito da cerimónia que ocorreu na Casa das Histórias Paula Rego.

Foi um privilégio participar nesta iniciativa! Assim é possível fazer com que a voz dos nossos meninos chegue mais longe!

*VERA PINTO*
Ludotecária da Ludoteca da Adroana

# LUDOTECA DA ADROANA

## "Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho."

O nosso grupo de dança esteve na celebração do Dia da Felicidade, numa campanha levada a cabo pela Câmara Municipal de Cascais em parceria com o Agrupamento Centro de Saúde de Cascais (ACES). Esta atividade tem como objetivo despertar a consciência na comunidade para a importância da promoção do bem-estar físico, mental, espiritual, através de tomadas de decisões/atitudes pessoais e contribuir para a participação ativa de todos os cidadãos, tanto a nível individual como organizacional.

É a dançar que expressamos sentimentos e emoções, numa arte que engloba uma série de movimentos com o corpo de forma ritmada e coreografada ao som de músicas tradicionais africanas.

Aquele dia feliz em que fomos reconhecidas por um talento nosso.

*FÁBIO ANJOS*
Ludotecário da Ludoteca da Adroana

# LUDOTECA DA ADROANA

## Voltámos a ser crianças outra vez

A Ludoteca da Adroana apareceu nas nossas vidas como uma necessidade. Ambas estávamos numa associação de voluntariado internacional, não sabíamos para onde íamos nem quando iríamos, mas de uma coisa tínhamos certeza, queríamos uma atividade desafiante que pudesse complementar esse projeto e que nos enriquecesse pessoalmente. Trabalhar com as crianças era garantido.

Nenhuma das duas alguma vez tinha feito voluntariado com crianças numa associação que atua na intervenção social, era certamente um desafio. Era necessário, apesar das atividades e vivências destas crianças nada terem a ver com o que encontrámos lá fora.

Voltámos dos nossos projetos de voluntariado internacionais, mas a Ludoteca continuou connosco, todas as semanas, pelo menos assim tentamos, entre a faculdade e o trabalho, ir ter com eles. É um compromisso que temos marcado com estas crianças, não lhes podemos falhar. Tudo começa com "Queres brincar (...)?" e o nosso dia muda e transforma-se num mundo de brincadeiras e jogos, desenhos e pinturas repletos de gargalhadas que fazem com que o tempo que lá estamos passe a correr. Todos os dias são diferentes, diferentes crianças, diferentes brincadeiras, mas no final o objetivo é o mesmo: brincar e acrescentar àquele dia mais experiências, aprendizagens e momentos de diversão.

Sempre que vamos à Ludoteca é esplêndida a alegria das crianças! Cada vez que não vamos perguntam porque não fomos e pedem logo para sermos as primeiras a brincar com elas. São elas que nos fazem simplificar os problemas, aprender com as suas pequenas experiências, questionar o porquê do significado de certas palavras e outras questões que nos fazem ver o mundo de outra forma. Já Fyodor Dostoyevsky dizia que uma alma é curada quando se está acompanhado com crianças, podemos estar em stress com a faculdade ou o trabalho, mas aquelas horas que passamos com eles fazem-nos esquecer os problemas, e voltamos a ser crianças outra vez.

*MARIA GASPAR e SANDRA VASCONCELOS*
Voluntárias da Ludoteca da Adroana

## SER MÃE...
## Contratos locais de Desenvolvimento Social

Tarefa árdua esta de escrever sobre o nosso trabalho! Faço isto todos os dias, faz parte de mim já, daquilo que sou, e com certeza pesa naquilo que serei...e é possivelmente daí que advém esta dificuldade em falar do meu trabalho; é sempre difícil falar sobre nós! Mas, trabalho é trabalho e a dada altura é já um processo quase mecanizado... Ou seria, não trabalhasse eu com pessoas que, pese o fardo de enfrentar a monotonia dos dias, têm a vantagem de, na maioria das vezes, retribuir na mesma medida aquilo que recebem – e às vezes com ainda mais. É o caso particular das mulheres que integram o Oficina de Mães, no Estabelecimento Prisional de Tires (EPTires).

De quinze em quinze dias, entro no Estabelecimento Prisional de Tires para, durante 1h30min, trabalhar com um grupo de mulheres aquela que dizem ser a profissão mais difícil do mundo: Ser Mãe – dizem ser, e eu acredito!

Cabe-me então trabalhar com estas mães as suas competências para tal e enquanto tal. Mães, na sua maioria jovens, que vivem a maternidade como muito poucas, e que, no meio das suas diferenças, têm em comum a particularidade de estarem detidas; acontece ser também uma particularidade partilhada com os seus filhos.

É na sala lúdica da Casa das Mães do EPTires que eu e as minhas supermães – título que receberam com alguma resistência logo na primeira sessão – nos sentamos e partilhamos o que é isto de ser "mãe tão jovem", "mãe reclusa", "mãe em grupo", "mãe e pai", "má mãe", "boa mãe"... uma infinidade de mães.

Fazemo-lo de igual para igual, não pela condição de mãe, porque não o sou, mas pelo respeito com que nos ouvimos e pela vontade que temos de ser mais e melhor, sempre com a certeza de que do outro lado está alguém que, mais do que querer saber a nossa história, quer fazer parte dela e da melhor forma possível.

E pelas crianças! Pela dedicação que lhes temos, sabendo ainda que, não obstante as mães terem a vida em *standby*, o mesmo não se lhes aplica.

É por isto que juntas rimos, conversamos, partilhamos alegrias, angústias e boas práticas (outras a melhorar), numa jornada que mesmo de breve duração, se irá fazer sentir, e lhes fará sentido, durante muito tempo. Ou eu assim o espero.

*ELISA PINTO*
Psicóloga Forense no CLDS

## AQUELE OLHAR

Nunca me hei de esquecer daquele olhar. Cabiam nele toda a gratidão e toda a alegria possíveis. E talvez um pouco mais. Uma semana antes daquele olhar, tínhamos recebido a boa notícia: iríamos acolher uma família com três filhos e o quarto a caminho. E então começara o entusiasmo, a agitação, o nervosismo e os preparativos feitos com amor e gratidão. Que oportunidade de ser Advento, de acolher e cuidar da vida! Era uma notícia esperada e desejada, porque muito tempo antes daquele olhar, a Fundação Champagnat e a grande família Marista de Lisboa tinham-se comprometido, juntamente com dezenas de outras instituições, a acolher uma família de refugiados. Dez meses antes daquele olhar, uma família tinha chegado a um campo de Refugiados na Grécia com um bebé com pouco mais que um ano. Pelo caminho, muitas coisas aconteceram, depressa e dolorosamente devagar, como aquela bala que passou junto à cabeça de Mohamad ao atravessar a Turquia. Tudo porque cinco anos antes daquele olhar, um casal jovem que vivia na bela cidade de Alepo com os seus dois filhos recebera a notícia de uma guerra que não mereciam. Que ninguém merece.

Foi Mohamad, o pai da família, que abriu a porta do prédio e a Eman que abriu a porta de casa. As portas de uma nova vida. *Inshallah*! E então a Ghalia e o Ahmed entraram a correr, provaram o sofá, olharam para tudo com admiração e sorriram. Sorriram muito, e nos seus sorrisos havia incredulidade e alívio. Que bom estar em casa! Mostrámos o resto dos compartimentos, incluindo o quarto da Ghalia, e foi então que surgiu o tal olhar, esse que nunca hei de esquecer e que resume os muitos olhares e palavras (quase todas em árabe) deste dia. Contemplou todos os cantos do quarto com uma ternura indescritível, estudou os armários e a decoração e até deu nomes à boneca e ao peluche: Lulu e Mohamad. Depois chamou-me, mostrou-me o espaço que havia entre a cama e a parede e partilhou comigo a sua reflexão num inglês bastante compreensível: "no Campo, eu dormia num espaço assim, sem almofada, no chão... agora tenho este quarto. Estou muito feliz!" . A conversa continuou, intensa, com poucas palavras: "Quando começa a escola?"

Eu também estou muito feliz. Estamos todos! E por isso queremos partilhar esta notícia com a nossa família Marista e com todos. A guerra continua na Síria e em muitos sítios. Continua a haver milhões de pessoas em campos de refugiados. A morte, a desolação e o desespero espreitam em demasiadas esquinas. Mas hoje há muita gente que vai dormir com a boa notícia da hospitalidade e da esperança a vibrar no coração. Hoje, o Deus menino entrou pela minha vida adentro no sorriso do Ahmed, no olhar da Ghalia, no choro da Naya e no bebé que foi gerado num campo de refugiados e que vai ter uma casa onde nascer. Hoje, o Deus menino nasceu na entrega generosa dos Maristas azuis em Alepo. E, hoje, o Deus menino quer habitar também o teu coração acolhedor, os teus gestos solidários e o teu compromisso pela vida. Agora, enquanto escrevo estas linhas, os filhos do Mohamad e da Eman já devem ter adormecido, cansados pela viagem e pela euforia do dia. O calor que os embala é o calor de uma humanidade amorosa que já existe, de uma rede de corações de carne, de uma cadeia de gestos de ternura e responsabilidade. Oxalá esse calor não pare de crescer!

Uma terna e acolhedora Páscoa

*IR. FÁBIO OLIVEIRA*

## PORQUE SER SOLIDÁRIO É MUITO MAIS QUE UMA PALAVRA:
### É uma atitude e uma forma de estar na vida!

Muito obrigada!

## APOIE OS PROJETOS DA FUNDAÇÃO CHAMPAGNAT

- Oferta de serviços.
- Responsabilidade social das empresas.
- Voluntariado.
- Campanha de angariação de géneros e/ou monetários.

**APOIO FINANCEIRO:**
Por transferência bancária, para o IBAN da Fundação: PT 50 0007 0030 00040400001 06 - Novo Banco.
Por cheque, à ordem da Fundação Champagnat e enviado para - Estrada de Benfica, 372
1500-100 LISBOA.

# A NOSSA AGENDA

abril

ORGANIZAÇÃO: CPCJ CASCAIS

APOIO:

maio